ANTIGA EGREJA

OU

ERMIDA DO CORPO DE DEUS EM COIMBRA

NOTAS VARIAS

POR

Francisco Augusto Martins de Carvalho

COIMBRA
TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

1918

Ao seu presado patricio e am.º, o ex.mo sr. Dr. Eugenio de Castro, Off. como testemunho de m.ta consideração

ANTIGA EGREJA

OU

ERMIDA DO CORPO DE DEUS EM COIMBRA

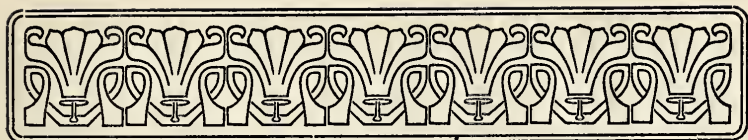
NOTAS VARIAS

POR

Francisco Augusto Martins de Carvalho

COIMBRA

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

1918

Publicámos ha pouco um artigo na *Gazeta de Coimbra,* com o intuito de frisar a discordancia que encontrámos em diversos livros, quer sobre a origem da egreja ou ermida do Corpo de Deus, quer a proposito de alguns factos e datas que se prendem com o mesmo assumpto.

Este templo que teve mais tarde a denominação de *Capella de Nossa Senhora da Victoria,* está ha muito profanado, e pertence ao sr. Francisco França Amado, considerado livreiro-editor d'esta cidade, servindo presentemente de deposito dos livros impressos na sua typographia; e como o artigo que publicámos, contém algumas noticias historicas curiosas, e se refere mais ou menos detidamente á capella que é hoje propriedade do sr. França Amado, resolveu este nosso prezado e antigo amigo, mandar reproduzir em opusculo este modesto trabalho, o qual para esse effeito corrigimos e ampliámos sensivelmente.

Penhorou-nos sobremaneira tão captivante amabilidade, e por tal motivo, aqui deixamos consignados os mais sinceros agradecimentos.

* * *

Em 1361 ou principios do anno de 1362, um judeu chamado Josepho, morador no bairro da *judiaria* d'esta cidade, (bairro hoje comprehendido pela rua do *Corpo de Deus,*

pelos terrenos que vão desde essa rua até á Fonte Nova, e ainda por outros terrenos limitrophes), induziu um sachristão da Cathedral (1), a furtar do respectivo sacrario e a ceder-lhe para certas experiencias, algumas hostias consagradas. Alcançado o que pretendia, levou o judeu cinco d'essas particulas para sua casa, lançando-as n'uma certã com azeite a ferver. Não conseguindo porém destruil-as, como parece haver sido o seu intento, foi soterral-as n'uma montureira que se encontrava nas proximidades da sua habitação (2).

Segundo referem alguns escriptores, baseados principalmente no extracto d'uma carta do arcebispo D. Vasco Fernandes de Toledo, (que sem duvida exercia, na epocha em que foi escripta, qualquer jurisdicção na diocese de Coimbra) (3), logo que se tornou publico o desacato, dirigiu-se o referido arcebispo com o cabido, corporações religiosas, e irmandades do Santissimo, ao immundo local onde tinham sido soterradas as particulas, sendo estas retiradas pelo proprio D. Vasco de Toledo, e conduzidas processionalmente para a Cathedral, d'onde haviam sido furtadas.

Em 1362 foi enforcado o judeu que praticou o sacrilegio, sendo em desaggravo erigida no proprio local onde foram encontradas as particulas sagradas, uma egreja ou ermida sob a invocação do *Corpo de Deus*.

Eis a summaria descripção do desacato ou sacrilegio commettido em 1361 ou principios de 1362, na velha Sé de Coimbra, e continuado seguidamente no bairro da *judiaria;* factos que passam como authenticos.

---

(1) Hoje *Sé Velha*. O actual templo da *Sé Nova* é a antiga egreja dos jesuitas, que passou a servir de Cathedral em 1772.

(2) Ha quem supponha que fora o proprio judeu quem subtrahira do sacrario da Cathedral as particulas consagradas, opinião que é corroborada pelo facto de não constar que fosse punido o sachristão, o que não succederia evidentemente, se este houvesse sido conivente no desacato.

(3) D. Vasco Fernandes, arcebispo do Toledo, que então residia no antigo convento de S. Domingos, d'esta cidade, fôi quem sagrou a 20 de Fevereiro de 1362, a egreja do primeiro convento de S. Francisco da Ponte.

Comtudo, alguns escriptores, com os seus lamentaveis exaggeros, referem que as particulas, na occasião da experiencia feita pelo judeu, *por duas ou tres vezes saltaram da certã, formando uma cruz;* — que um sacerdote tendo aberta a janella de sua casa, e estando a rezar á meia noite o officio divino, vira *na occasião em que os frades cruzios principiavam a cantar no côro o Te-Deum Laudamus, um raio de luz que se fixou sobre o monturo, conservando-se alli até os padres acabarem o Te-Deum,* e que havendo observado o mesmo prodigio na noite seguinte, o fôra immediatamente communicar ao prelado da diocese (1); — e descrevem ainda outras minudencias completamente inverosimeis, relacionadas com o desacato, com as quaes porém a critica e o bom senso se não conformam facilmente.

Seja porém como fôr, limitar-nos-hemos pela nossa parte, a transcrever, com as indispensaveis rectificações, as despretenciosas notas que publicámos na *Gazeta de Coimbra,* ácêrca das opiniões desencontradas emittidas por varios escriptores sobre o mesmo assumpto, e muito estimaremos que as duvidas expostas n'este trabalho, sejam esclarecidas por pessoas competentes, que se *interessem por estas velharias,* e tenham algum amor pela verdade historica.

* * *

A *rua Nova* ou *rua do Principe* d'esta cidade, fazia parte, em antigos tempos, do bairro da judiaria, habitado unicamente por judeus. Segundo se lê no livro manuscripto *Raio da Luz Catholica,* redigido durante os annos de 1760 a 1783 pelo sr. dr. Luiz de Sousa Reis, esta rua passou a

---

(1) *Agiologio Lusitano, por Jorge Cardoso, tomo III,* Lisboa, 1666; — *Resumo historico da Santa Casa da Misericordia de Coimbra, pelo conego Joaquim Alves Pereira,* Coimbra, 1842, *Nota* 19; — e varias outras obras.

denominar-se do *Corpo de Deus,* depois que D. Vasco Fernandes de Toledo, *bispo de Coimbra* (?), *alli fundou em 1361* a ermida do *Corpo de Deus* (1) como desaggravo do furto d'umas particulas sagradas, praticado na velha Sé de Coimbra.

A data de 1361, quer se trate do desacato, quer da fundação da egreja ou ermida do Corpo de Deus, pode offerecer duvidas, quando a estes factos se ligue o nome de D. Vasco de Toledo, como *bispo de Coimbra,* duvidas que desapparecem porém, desde que se especifique que D. Vasco só exercia n'essa epocha qualquer jurisdicção na diocese, visto viver ainda o bispo de Coimbra, D. Pedro Gomes Barroso. O auctor d'um manuscripto que possuia o sr. conego Joaquim Alves Pereira, e do qual este professor fez uma pequena transcripção no seu *Resumo historico da Santa Casa da Misericordia de Coimbra,* publicado em 1842, talvez para se livrar de embaraços, diz que o facto succedêra *em mil trezentos e sessenta e tantos!*

Além do manuscripto *Raio da Luz Catholica,* em muitas publicações impressas antes e depois de ser escripto o livro do sr. dr. Luiz de Sousa Reis, se narram estes factos, porém com uma tal diversidade de datas, que se contradizem entre si, não podendo algumas merecer inteiro credito e confiança.

O *Antiquario Conimbricense,* dirigido pelo illustrado escriptor e archeologo, sr. padre Manuel da Cruz Pereira Coutinho, refere-se ao desacato *que se diz succedido no anno de 1361,* e publica o extracto d'uma carta do arcebispo D. Vasco de Toledo, a que já fizemos referencia no principio d'este trabalho.

Os srs. dr. José Alves de Mariz, em um artigo inserto no *Guia do viajante em Coimbra,* (1.ª edição, 1867), e dr. Luiz

(1) Este templo é designado indistinctamente em varios documentos pelos nomes de *egreja* ou *ermida do Corpo de Deus,* e nem o facto pode causar admiração, visto que no nosso paiz em antigos tempos, se chamavam tambem *egrejas* ás *ermidas* e *capellas* que não tinham *cura d'almas.*

de Sousa Reis no seu manuscripto, dizem que o sacrilegio fôra praticado pelos annos de 1361;

O licenciado Jorge Cardoso, no seu *Agiologio Lusitano,* refere que o desacato succedeu em 1362, governando o bispado de Coimbra *D. Vasco de Toledo, e reinando em Portugal D. João I* (??) e que a egreja do Corpo de Deus fôra fundada pela viuva Anna Affonso;

O padre Luiz Montez Mattoso, diz egualmente no seu livro *Historia do Senhor roubado em Odivellas,* Lisboa 1745, que o desacato fôra praticado em 1362;

O sr. dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, no 1.º vol. das *Memorias do tempo passado e presente,* seguindo a indicação de Manoel Alvares Pegas, no seu *Tratado historico e juridico,* (Madrid 1678 e Lisboa 1710), diz que o judeu fôra enforcado em 1362; o que pode perfeitamente admittir-se, se o sacrilegio foi commettido em 1361 ou principios de 1362;

No *Conimbricense* n.º 2027 de 1866 lê-se que o desacato fôra praticado *no tempo* do bispo *D. Vasco de Toledo;*

O sr. Borges de Figueiredo, no seu livro *Coimbra Antiga e Moderna,* (Lisboa, 1866), diz que o desacato succedera pelos annos de 1364. Poderia acceitar-se esta data, no caso de haver sido nomeado n'esse anno bispo effectivo de Coimbra, D. Vasco de Toledo. Oppõe-se porém a isso uma forte razão, é ter sido enforcado o judeu em 1362, não podendo portanto o desacato haver sido praticado no anno de 1364.

E devemos aqui consignar as frisantes contradicções em que se encontram varios auctores, acerca de ter ou não sido *nomeado* bispo effectivo de Coimbra, D. Vasco de Toledo. Tanto o *Catalogo chronologico-critico dos bispos de Coimbra,* elaborado pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira em 1724, como o que foi publicado em 1859, pelo dr. Miguel Ribeiro d'Almeida e Vasconcellos, mencionam o nome de D. Vasco de Toledo *como bispo de Coimbra* desde 1364, differindo porém em que o segundo escriptor assignala os annos de 1364 a 1371, como sendo aquelles em que D. Vasco

governou a diocese de Coimbra, entretanto que o primeiro (segundo a transcripção feita pelo dr. Ribeiro de Vasconcellos), menciona apenas os annos de 1364 a 1365, ficando em claro o espaço de tempo comprehendido entre os annos de 1365 a 1371.

Esta affirmativa é porém contrariada por um documento e varias referencias que se encontram na *Parte primeira, Livro III,* da *Historia de S. Domingos,* pag. 143 e 143 verso, pelos quaes se conclue que D. Vasco de Toledo não podia ter sido nomeado bispo de Coimbra em 1364, como se lê nos dois *Catalogos* referidos, visto haver fallecido em 1362.

Eis o que a este respeito se lê na *Historia de S. Domingos* (1):

« No anno de 1360 entrou em Coimbra dom Vasco, Arcebispo de Toledo, & demandando este Convento n'elle se aposentou & residio em quanto viueo que não foy muito. Vinha desterrado por elRey dom Pedro o cruel de Castella, ou fogindo da sua ira... Faleceo em cabo de dous annos, & mandouse enterrar no nosso cemiterio. Em um liuro antigo dos Obitos do Mosteiro de Santa Cruz ha hũa memoria que fala d'elle por estas palauras :

« *Feria segunda do mez de Março Era de M.CCCC. se finou dom Vasco deste mundo Arcebispo de Toledo, o qual foi inuiado do Reyno de Castella por sanha del Rey, & chegou á cidade de Coimbra & fez viuenda no mosteyro de S. Domingos da dita cidade.* (A Era responde aos annos de Christo de 1362). Este Arcebispo hũm mez antes de falecer sagrou a Igreja grande de S. Frãcisco situada da outra banda do rio sobre a margem d'elle... » (2).

A data do fallecimento de D. Vasco de Toledo, mencionada na *Historia de S. Domingos,* e seguida por Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano,* e por Fr. Manuel da

(1) Esta obra escripta por Fr. Luiz de Cacegas, chronista da Ordem de S. Domingos, foi reformada, ampliada e publicada por Fr. Luiz de Sousa.

(2) Effectivamente a egreja do convento de S. Francisco da Ponte, foi sagrada por D. Vasco de Toledo, no dia 20 de Fevereiro de 1362.

Esperança na *Historia Serafica,* é contestada pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira, no *Catalogo chronologico e critico dos bispos de Coimbra,* o qual para provar que D. Vasco foi bispo effectivo de Coimbra de 1364 a 1371 (1), julga *estar viciada a Era de 1400,* auctorisando-se tambem com a opinião de D. Rodrigo da Cunha, na Segunda parte da *Historia Ecclesiastica.*

Este problema é pois difficil de resolver, por que embora Leitão Ferreira cite duas cartas de confirmação de D. Vasco de Toledo, datadas de 1367, e outros documentos com data de 1368 e 1370, querendo provar que este prelado fôra bispo de Coimbra de 1364 a 1371, ha a oppôr-lhe a copia do Livro das Eras ou dos Obitos de Santa Cruz d'esta cidade, na parte relativa ao fallecimento de D. Vasco, inserta na *Historia de S. Domingos,* publicada em 1622, accrescentando o auctor, para que não podesse restar qualquer duvida ácêrca do facto apontado, que o fallecimento succedera um mez depois de haver o arcebispo D. Vasco de Toledo sagrado a velha egreja do convento de S. Francisco da Ponte; não soffrendo a menor contestação que a sagração do referido templo se realisou em *20 de Fevereiro de 1362.*

Mas não ficam por aqui as divergencias encontradas nas differentes narrativas.

O sr. dr. Luiz de Sousa Reis, diz, como referimos, que a *egreja* ou *ermida do Corpo de Deus,* fôra fundada pelo *bispo de Coimbra* (2) *D. Vasco de Toledo em 1361* (?).

---

(1) Na relação nominal dos bispos de Coimbra, elaborada por Leitão Ferreira, e *transcripta* pelo dr. Ribeiro de Vasconcellos no *Catalogo da relação nominal* dos mesmos bispos, publicada em Coimbra em 1859, vem mencionado D. Vasco como tendo sido bispo de Coimbra de 1364 a 1365, ficando em claro, como já dissemos, os annos de 1365 a 1371, e dando portanto a entender que a Sé esteve vaga durante esses annos. Comtudo o mesmo Leitão Ferreira, diz no vol IV da *Collecção dos Documentos e Memorias da Academia Real das Sciencias,* que D. Vasco fôra bispo de Coimbra de 1364 a 1371.

(2) Com certeza não foi como *bispo de Coimbra,* que D. Vasco de Toledo principiou a edificação da ermida do Corpo de Deus, pois que

Alguns escriptores seguem diversa opinião dizendo que fôra Anna Affonso, viuva de Gonçalo Gonçalves e de Nicolau Rodrigues, quem mandara edificar a ermida do Corpo de Deus, declarando nas suas disposições testamentarias, feitas em 20 de Fevereiro de 1367, que desejava ser sepultada á porta daquelle templo, devendo a respectiva lapide ter a seguinte inscripção: *Aqui jaz Anna Affonso, que acabou esta egreja com os seus bens por sua alma e d'aquelles que os deixaram* (1);

Outros escriptores interpretando diversamente os dizeres d'esta inscripção, julgam que Anna Affonso não fundara a egreja ou ermida do Corpo de Deus, mas simplesmente a *acabara* ou concluira;

Jorge Cardoso no vol. III do seu *Agiologio Lusitano,* diz que a egreja do Corpo de Deus foi erigida por Anna Affonso, *com licença de D. João Tenorio,* successor de D. Vasco na prelasia, depois de verificado e punido o *cumplice* do sacrilegio. Devemos porém observar que D. Pedro Tenorio governou o bispado de Coimbra de 1371 a 1376, segundo o catalogo do beneficiado Francisco Leitão Ferreira, ou desde 1371 a 1378, conforme o catalogo do dr. Miguel Ribeiro de Almeida e Vasconcellos, entretanto que o referido templo já estava edificado em 1367;

---

em Março de 1364, ainda era bispo d'esta diocese D Pedro Gomes Barroso.

D. Vasco, se porventura foi *nomeado* pela Santa Sé bispo de Coimbra, só o poderia ter sido depois do fallecimento ou renuncia de D. Pedro Barroso.

Empregámos o termo *nomeado*, porque desde o seculo XIII a *nomeação* dos bispos, no nosso paiz, era sempre feita pelo pontifice Os reis de Portugal só principiaram a ter o direito do *padroado,* no primeiro quartel do seculo XVI, e unicamente nas sés que de novo fundassem ou dotassem. Nas antigas, foi só no seculo XVIII que a Santa Sé concedeu aos monarchas portuguezes o direito do *padroado.*

(1) Artigo do sr. dr. José Alves de Mariz, (posteriormente bispo de Bragança), inserto no *Guia historico do viajante em Coimbra,* do sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro, 1.ª edição, 1867.

No manuscripto que possuia o sr. conego Joaquim Alves Pereira e do qual transcreveu alguns periodos no seu *Resumo historico da Santa Casa da Misericordia de Coimbra,* diz-se: *Anna Affonso em desagravo fundou a capella da Senhora da Victoria, no sitio onde succedeu este caso, dizendo outros que o mesmo bispo D. Vasco fôra o fundador;*

O padre Luiz Montez Mattoso, na *Historia do Senhor roubado em Odivellas* (1), refere-se ao sacrilegio commettido na Sé de Coimbra, accrescentando que o judeu levara as particulas para a *synagoga,* onde as deitara em azeite a ferver, fazendo-as depois em pedaços e lançando-as em um lugar immundo da mesma *synagoga;* e que em memoria d'este caso, se convertera a *synagoga em egreja* denominada do *Corpo de Deus* (2);

No livro já citado, *Raio da Luz Catholica,* diz o sr. dr. Luiz de Sousa Reis, que depois de edificada a egreja do *Corpo de Deus, fundára Gonçalo Gil, d'esta cidade, pelos annos adiante, um hospital,* que da egreja tomara a denominação tambem do *Corpo de Deus,* etc. Isto está em desharmonia manifesta com o que se lê nas disposições testamentarias da viuva Anna Affonso, que foi quem instituiu o hospital ou *albergaria.* Ainda que se equivocasse no nome,

---

(1) Este livro impresso em Lisboa no anno de 1745, contêm egualmente uma breve noticia *dos roubos e desacatos feitos ao Santissimo Sacramento n'este reino de Portugal.*

(2) Ha factos que contradizem a opinião d'este escriptor. Sem fallarmos em que é attribuida a *fundação* da egreja ao bispo D. Vasco de Toledo, e o *accrescentamento* e *conclusão* á viuva Anna Affonso, limitar-nos-hemos a dizer que tanto a *judiaria* como a *synagoga* dos judeus residentes em Coimbra, só foram *extinctas* pela conversão forçada dos mesmos judeus (1496 a 1497), e portanto passado mais de um seculo, depois que havia sido edificada a egreja ou ermida do *Corpo de Deus,* o que invalida por completo o que refere a este respeito o padre Montez Mattoso; e não resta a menor duvida de que a antiga *judiaria* e a sua *synagoga,* occupavam ainda até 1500, grande parte da rua do *Corpo de Deus.* — Veja o *Indice Chronologico dos Pergaminhos e Foraes da Camara de Coimbra, Fasciculo Unico,* por J. C. Ayres de Campos, Coimbra, 1875.

4.º que por determinação da testadora, seria posta uma pedra sobre a porta do referido hospital ou albergaria, com letras esculpidas que dissessem — *Hospital para gazalhado de pobres com quatro camas,* — e uma cruz em cima para ser notorio a todos;

5.º que estando construida a ermida do Corpo de Deus em 1367, como se collige do testamento da viuva Anna Affonso, datado de 20 de Fevereiro do referido anno, não podia o bispo D. Pedro Tenorio conceder-lhe licença para a edificar, pela razão d'este prelado só haver principiado a governar o bispado em 1371;

6.º que se o desacato foi commettido em 1361, como parece provavel, não o foi evidentemente na epocha em que governava o bispado de Coimbra *D. Vasco de Toledo e reinava em Portugal D. João I* (??) como se lê no *Agiologio Lusitano,* pois que até 1364 era bispo de Coimbra, D. Pedro Gomes Barroso. O que diz porém Jorge Cardoso, com referencia a *reinar em Portugal D. João I, durante o*

---

no dia 23 de Setembro de 1503, em que acabou o tombo dos seus bens. A *albergaria* de S. Lourenço estava situada proximo á capella do Senhor do Arnado.

... (?) — *Hospital ou albergaria de S. Christovão.* — Esta *albergaria,* foi instituida por pessoa devota, e estava estabelecida nas immediações da egreja de S Christovão. Ainda existia em 1675.

Houve tambem as *albergarias* da *Mercê* e de *Santa Luzia,* das quaes se não encontram indicações precisas, a não ser as denominações que tinham. O hospital de S Marcos, a que tambem chamavam *albergaria,* estava situado ao cimo do bêco de S Marcos, junto á antiga rua da Esperança, hoje rua do dr. João Jacintho, e tinha a sua confraria na egreja do Salvador. Foi instituido pelos annos de 1290.

Encontram-se noticias muito interessantes e desenvolvidas ácerca das antigas *albergarias* e hospitaes de Coimbra, no livro manuscripto *Raio da Luz Catholica,* do sr. dr. Luiz de Sousa Reis; — na memoria do sr. Joaquim Martins de Carvalho, intitulada *Os hospitaes de Coimbra,* publicada no *Conimbricense* dos annos de 1866 e 1867; — e na *Noticia historica dos hospitaes de Coimbra,* pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, Coimbra, 1882, — onde tambem vem transcripta uma memoria ácerca dos mesmos hospitaes, pelo sr. padre Manoel da Cruz Pereira Coutinho, antigo prior da Sé Velha de Coimbra.

governo de D. Vasco de Toledo, não passa d'um anachronismo manifesto. Como é sabido, o Mestre de Aviz só foi acclamado rei, em virtude da decisão das côrtes celebradas nos paços das Alcaçovas em Coimbra, no anno de 1385, e D. Vasco de Toledo, se por ventura foi nomeado bispo de Coimbra em 1364 e só falleceu em 1371, (o que é muito duvidoso), não vivia com certeza no reinado de D. João I (1);

7.º que o *breve* corroborando com auctoridade apostolica a fundação da capella e hospital instituido por Anna Affonso, é evidentemente de Bonifacio IX e não de Bonifacio VIII, visto que este pontifice foi eleito em 24 de dezembro de 1294 e falleceu a 11 de outubro de 1303. Embora não ponhamos em duvida a authenticidade d'este *breve,* (cujo transumpto existe ou existia no archivo do Cabido de Coimbra), — no qual se confirma e manda cumprir escrupulosamente a vontade da testadora, que determinara fosse sustentado um hospital para *gazalhado de pobres,* pela terça dos seus bens e de *seus finados maridos,* — o que não podemos acceitar, por inverosimil, é que Bonifacio IX, governando a egreja de 1389 até 1404, podesse ter *dirigido* um *breve* ao *primeiro marido* de Anna Affonso, *Gonçalo Gonçalves, fallecido anteriormente a 1367,* pois que n'este anno já Anna Affonso era duas vezes viuva.

* * *

Comtudo, talvez que as datas e factos a que temos feito referencia, se possam harmonisar da seguinte fórma:

O desacato ou sacrilegio foi perpetrado no anno de 1361 ou primeiros mezes de 1362;

Estes factos foram portanto succedidos no tempo em que era bispo de Coimbra D. Pedro Gomes Barroso, o qual governou a diocese desde 1358 a 1364, embora haja toda a presumpção de que o arcebispo de Toledo D. Vasco, tivesse

---

(1) *Catalogos dos bispos de Coimbra,* já mencionados.

exercido eventualmente o governo da diocese nos annos de 1361 e 1362. Não se encontram documentos provando esta asserção, como porém D. Vasco Fernandes, antes de vir para Coimbra, foi bispo de Palencia e arcebispo de Toledo, sendo então conego na respectiva Sé, D. Pedro Gomes Barroso, e como D. Vasco de Toledo residiu pelo menos (?) dois annos no antigo convento de S. Domingos em Coimbra (1), nada repugna crer que tendo já a ordem episcopal, exercesse n'esta cidade qualquer acto de *jurisdicção delegada* pelo bispo effectivo da diocese, D. Pedro Gomes Barroso, que devia ser pessoa muito conhecida de Toledo; accrescendo ainda para o estreitamento das relações entre os dois, a circumstancia de terem vindo ambos para Portugal, embora em datas diversas, perseguidos por D. Pedro I o *Cruel,* de Castella.

É natural portanto, que D. Vasco de Toledo, por devoção, e pelo conhecimento que tinha do sacrilegio e dos factos que se lhe succederam, mandasse durante o tempo em que eventualmente exerceu o governo da diocese, dar principio á edificação da egreja ou ermida do Corpo de Deus;

---

(1) Este convento foi mandado construir no sitio da *Figueira Velha* nas *ribeiras do rio Mondego,* proximo do Arnado, pelas infantas D. Branca e D. Thereza, irmãs d'el-rei D. Affonso III, nos principios do seculo XIII. Tendo sido soterrado, devido principalmente ao assoriamento constante das areias fluviaes, foi edificado um outro no seculo XVI, vendo-se ainda a egreja incompleta e profanada d'esse convento na rua da Sophia, onde durante muitos annos esteve installada a officina de serralharia, fundição e fabrica de carruagens, do fallecido industrial sr. Manoel José da Costa Soares.

Esta nova egreja foi principiada pelos annos de 1546 por Fr. Martinho de Ledesma, e continuada pelos duques de Aveiro, cujas armas ainda hoje se vêem na face externa da capella mór, voltada para a rua da Sophia, armas que escaparam de ser picadas, como determinava a sentença da Suprema Junta de Confidencia de 12 de Janeiro de 1749.

O primitivo convento de S. Domingos foi edificado em terrenos da freguezia de *S. Cucafate.* D'esta freguezia, que ficava ligada á antiga freguezia de S. Bartholomeu, já não apparecem vestigios.

Em 1362 porém, por motivo do fallecimento de D. Vasco de Toledo, a ser verdadeira a narrativa e documento publicados por Fr. Luiz de Sousa na *Historia de S. Domingos,* cessaram os trabalhos de edificação da ermida do Corpo de Deus, por conta d'este prelado;

Egreja ou ermida do Corpo de Deus
Copia d'uma gravura do fim do seculo XVI ou principio do seculo XVII (1)

Desenho de Fausto G. da Silva **Gravura de Marques Abreu**

Seria então que a viuva Anna Affonso, tambem extremamente religiosa e caritativa, mandou a expensas suas, continuar as obras da ermida que já se achavam concluidas em 1367, como consta das disposições testamentarias da mesma viuva, feitas em 20 de Fevereiro do referido anno (2);

(1) A gravura que publicamos n'esta pagina, é extrahida da vista panoramica de Coimbra, incluida na obra de Jorge Braunio, que tem por titulo *Theatrvm Vrbiam praecipvaram,* (1572 a 1618). Embora essa vista não mereça inteira confiança pelas inexactidões que contém, é certo que até hoje, só n'essa estampa encontrámos desenhada a antiga egreja ou ermida do Corpo de Deus.

(2) Ha quem supponha, e talvez com fundamento, que a rua do *Corpo de Deus* não seguia anteriormente ao seculo XVII, a direcção que depois lhe foi dada. Julga-se que a primitiva rua, a partir do predio que pertence actualmente ao sr. Antonio Francisco do Valle, continuava pelo bêco e pateo que lhe ficam contiguos, (agora sensivelmente modificados), e pelos terrenos mais tarde transformados em quintaes, de que é proprietario o sr. Antonio Vieira de Carvalho, até ao local onde foi erigida a ermida do *Corpo de Deus.* N'este ponto a rua passava pelo

Que a antiga rua *Nova* ou do *Principe*, passou depois da fundação da egreja, a denominar-se do *Corpo de Deus*, sendo-lhe dado o nome de *Pedro Cardoso* em 1910, e novamente do *Corpo de Deus* no presente anno de 1918, em respeito á tradicção.

Que Anna Affonso determinou no seu testamento, que se mantivesse na egreja ou ermida do Corpo de Deus um hospital, e se instituisse uma capella, da qual seria administrador seu neto Alvaro Gonçalves;

Que o zelo dos administradores não correspondeu, passado apenas um seculo, aos bons desejos da fundadora, porque em 1503 já a corôa andava a contas com elles pelo não cumprimento dos encargos (1), apparecendo a capella declarada vaga e doada em 1504 a Diogo Arraes; em 1611 a Ruy Juzarte de Carvalho; em 1672 a Pedro da Cunha Benavente, que a denunciara (2); e em 1769 a D. Luiz Antonio de Lencastre de Basto Baharem, conde da Louzã;

Que no archivo da camara de Coimbra, se conserva um documento datado de 30 de Junho de 1704, em que a mesma camara concede licença ao padre Pedro da Costa, da Congregação do Oratorio, para poder fundar um convento *no sitio de Nossa Senhora da Victoria do Corpo de Deus*, não constando porém, que se iniciassem quaesquer trabalhos

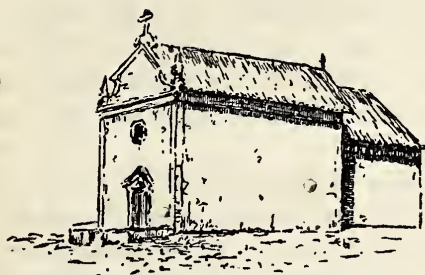
---

lado esquerdo do templo, seguindo depois proximamente no mesmo nivel até ao cimo da rua das *Figueirinhas*, (hoje de *Martins de Carvalho)*, e descendo d'ahi até á *Fonte dos Judeus*, posteriormente denominada *Fonte Nova*. A direcção que tomou a actual rua do *Corpo de Deus*, em nivel superior ao da capella, foi-lhe dada muitos annos depois de edificado o templo. Na estampa panoramica da cidade de Coimbra incluida na obra de Jorge Braunio (1572 a 1618), a antiga rua do Corpo de Deus, segue com pequena differença, a direcção que acabamos de indicar.

(1) *Conimbricense*, n.º 2029 de 1866.

(2) Supõe-se que fôra Pedro da Cunha Benavente, penultimo administrador dos bens pertencentes á capella instituida por Anna Affonso em 1367, quem com os respectivos rendimentos reedificou a antiga ermida do Corpo de Deus.

para a edificação d'esse convento e da egreja que devia ter annexa (1);

Que a ermida do *Corpo de Deus*, já em ruinas em 1678 (2), foi *reedificada* no fim do seculo XVII ou principios do seculo XVIII, sendo natural que tivessem sido aproveitadas n'essa reedificação, algumas das paredes que existissem do primitivo templo, pois que os *cachorros* que sustentam a cimalha das paredes da capella mór, são typicamente do seculo XIV, e muito semelhantes aos que ainda se vêem nas

Capella de Nossa Senhora da Victoria (antiga egreja ou ermida do Corpo de Deus), depois de reformada em 1780

Desenho de Fausto G. da Silva Gravura de Marques Abreu

ruinas da egreja e mosteiro de Santa Clara, fundado pela Rainha Santa Isabel pouco antes de 1327;

Que embora seja opinião corrente, que a denominação de *capella de Nossa Senhora da Victoria*, data apenas da epocha da sua *reedificação*, é certo que em alguns documentos anteriores, se designa a *egreja* ou *ermida do Corpo de Deus* tambem pelo nome de *capella de Nossa Senhora da Victoria do Corpo de Deus*;

Que devido a encontrar-se a *capella de Nossa Senhora da Victoria* em más condições, ou por haver necessidade de se

(1) *Indice Chronologico*, por J. C. Ayres de Campos, Coimbra, 1875.
(2) *Tratado historico juridico* por Manuel Alvares Pegas, Madrid 1678 e Lisboa 1710.

ampliar o corpo principal da mesma capella, *foi reformada* em 1780 (1), não soffrendo porém modificação sensivel a capella mór, cuja architectura exterior, pelo menos, denota, sem contestação, muito maior antiguidade.

* * *

Aproveitamos o ensejo para dizer que os predios n.os 71 a 79 da rua do *Corpo de Deus,* onde em tempos estabeleceram as suas typographias os srs. dr. Pedro Rocha e Pedro Cardoso, se acham edificados no proprio local onde durante alguns seculos esteve o hospital instituido por Anna Affonso em 1367.

Na antiga ermida do Corpo de Deus, foi constituida uma confraria no seculo XIV ou principios do seculo XV, pelos officiaes de justiça, *a fym de Nossa Senhora ser sua advogada para em seus officios fazerem ho que devem.* — Em sessão da camara d'esta cidade, de 28 de Fevereiro de 1520, foi resolvido que os vereadores no anno em que servissem, *se metteriam confrades na confraria de N. Senhora da Capella do Corpo de Deus, indo todos a ella ouvir missa e prégação no dia de N. Senhora, antes de irem á camara tirar a eleição dos novos officiaes* (2).

Ainda um outro facto historico que se prende com esta capella. Embora as *juntas dos vinte e quatro dos mesteres*

---

(1) *Conimbricense* n.º 2027 de 1866.

(2) O modo de fazer as eleições n'esses tempos, era pelo systema de *pelouros,* a que se referem as *Ordenações Affonsinas* no livro 1.º, titulo 23, § 43 e seguintes, que é pouco mais ou menos o ordenado pelas *Philippinas.* Chamavam-se *pelouros* a umas bolas de cera, dentro das quaes se mettia um escripto com o nome do cidadão que havia de servir de juiz ou official em cada anno do triennio por que se fazia a eleição. Eram feitos tantos *pelouros,* quantos os juizes e officiaes que haviam de exercer as funcções indicadas por lei e pelo praso mencionado.

de Coimbra, celebrassem de ordinario as suas sessões nos paços do concelho ou casa da camara, é certo que nos seculos XVI e XVII, algumas vezes ellas se realisaram na egreja ou ermida do Corpo de Deus.

Retabulo de pedra da antiga egreja ou ermida do Corpo de Deus (1)

Desenho de Jorge da Cruz Jorge Gravura de Marques Abreu

Por detraz da banqueta d'esta ermida, esteve desde o seculo XV, um retabulo de pedra, datado do anno de 1443, com varias figuras em relevo, evidentemente allusivas ao desacato ou sacrilegio commettido no anno de 1361 ou principios de 1362. Este retabulo que pertence ao sr. dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, esteve primeiro depo-

(1) O desenho á penna feito para esta gravura, é copia da photographia que a nosso pedido, se encarregou amavelmente de ir tirar ao museu Machado de Castro, o nosso estimado patricio e amigo sr. José Bastos dos Santos, a quem aqui tributamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

sitado no *Museu do Instituto*, encontrando-se actualmente no *Museu Machado de Castro* (1). Nelle se vêem *dois anjos em adoração, sustentando com as mãos um calix, a cuja copa está elevada uma hostia*, tendo na base uma inscripção em letra allemã minuscula, e com alguns breves, que diz:

✠ SENEFICA CORPOS . DOMINI . ANNO . DOMINI . M.CCCC.XXXX.IIJ.
ALVARO . FERNANDES . DE . CARVALHO : O . MANDOU . FAZER . (2).

A comissão dos monumentos nacionaes enviou em 1882 um questionario a todos os municipios do paiz, pedindo varios esclarecimentos relativos aos monumentos religiosos, civis ou militares, existentes na área d'esses municipios. A camara d'esta cidade sollicitou da Secção de *Archeologia do Instituto de Coimbra*, a resposta a este questionario, a

(1) *Antiquario Conimbricense*, n.º 9 de 1842, e *Museu Machado de Castro. Notas*, pelo sr. Antonio Augusto Gonçalves. Coimbra, 1916. Pag. 18.

(2) No *Antiquario Conimbricense* não se encontra completa esta inscripção, pois termina na palavra *Fernandes*. Foi isso devido a achar-se o retabulo embebido em alvenaria, não se vendo a face lateral onde estava gravada a parte restante da inscripção Quer no importante *Museu Machado de Castro*, onde está depositado o retabulo referido, quer na interessante collecção epigraphica da faculdade de Letras da Universidade, onde se encontra a reproducção em gêsso da inscripção, se vê que deixaram de ser transcriptas no *Antiquario* as palavras *de Carvalho o mandou fazer*, estando as tres ultimas na mesma linha, e as duas primeiras — *de Carvalho*, — em letra menor, collocadas por cima da linha da inscripção; sendo estas gravadas posteriormente, e sem duvida quando o artista reconheceu que tinha ficado incompleto o nome de quem mandou fazer o retabulo O sr. Pereira Coutinho quando copiou a inscripção para o seu *Antiquario*, ainda podia ter lido a preposição — *de* — que está bem visivel no retabulo, mas como não desconfiava sequer que a inscripção continuava na face lateral, e como aquella particula final lhe não dava sentido, preferiu ommittil-a. No artigo do sr dr. José Alves de Mariz no *Guia do Viajante em Coimbra*, e no livro *Coimbra Antiga e Moderna*, do sr. Borges de Figueiredo, repete-se a mesma falta, devido a ter sido copiada a inscripção do *Antiquario*.

qual foi publicada na revista o *Instituto* (1). No quesito relativo aos lugares memoraveis pelos factos historicos, declara a respectiva *Secção*, no seu interessante trabalho, ser um d'elles a *capella de Nossa Senhora da Victoria na antiga judiaria de Coimbra, depois rua do Corpo de Deus.*

Na mencionada capella, e já no seculo XIX, se conservou sobre o altar, durante bastantes annos, o crucifixo que costumava estar sobre a meza das audiencias do tribunal da Inquisição de Coimbra; existindo ainda na egreja do antigo collegio de S. Thomaz, na rua da Sophia, pertencente ao sr. conde do Ameal, a cruz que os religiosos de S. Domingos levavam nos autos de fé celebrados pela referida Inquisição.

(1) *Instituto*, n.os 3 e 4 de 1882.

PUBLICAÇÕES

DE

FRANCISCO AUGUSTO MARTINS DE CARVALHO

---

1 — Noções elementares de tiro. — Coimbra, 1871.
2 — Noticia historica do regimento de infantaria n.º 9. — Coimbra, 1878.
3 — Instrucção de tiro. Conferencia militar. — Aveiro, 1880
4 — A nossa alliada. Artigos publicados pelo redactor do *Conimbricense*, Joaquim Martins de Carvalho — Porto, 1883
5 — Relatorio trimestral, segundo o que dispõe a Ordem do Exercito nº 13 de 1879. — Coimbra, 1884.
6 — Instrucção pratica sobre o serviço de infantaria em campanha. — Coimbra, 1887.
7 — Subsidios para a historia dos regimentos de infantaria e caçadores do exercito portuguez. — Coimbra, 1888
8 — Manual para a instrucção theorico-pratica de infantaria. (Edição official). — Lisboa, 1888
9 — Diccionario Bibliographico Militar Portuguez. (Publicação auctorisada pelo Ministerio da Guerra) — Lisboa, 1891.
10 — Manual para a instrucção theorico-pratica de infantaria. (Segunda edição official). — Lisboa, 1891.
11 — Noticia historica do regimento de infantaria 16. — Lisboa, 1892.
12 — Guia militar para uso dos primeiros cabos candidatos ao posto de 2º sargento de infantaria. — Lisboa, 1894
13 — Noções elementares de tiro destinadas provisoriamente ao ensino da instrução theorica e pratica de tiro no batalhão de infantaria do Estado da India — Nova Gôa, 1896.
14 — Associações de Coimbra. (Subsidios para a sua historia). — Coimbra, 1907.
15 — Subsidios para a historia do jornalismo em Coimbra. (Incompleto). — Coimbra, 1907.
16 — *O Conimbricense*. (Numero commemorativo do centenario da publicação da *Minerva Luzitana*, o primeiro jornal de Coimbra). — Coimbra, 1908.
17 — Guerra Peninsular. Notas, episodios e extractos curiosos. — Coimbra, 1910.
18 — Algumas horas na minha livraria — Coimbra, 1910.
19 — Antiga Egreja ou Ermida do Corpo de Deus em Coimbra. — Coimbra, 1918.

EM VIA DE PUBLICAÇÃO

20 — Arcos e portas antigas de Coimbra.
21 — Batalhões academicos da Universidade de Coimbra.
22 — Subsidios para a historia da imprensa e do jornalismo em Coimbra.
23 — Noticia bibliographica das dissertações da Universidade de Coimbra.

EM PREPARAÇÃO

24 — Diccionario Bibliographico Militar Portuguez. — 2.ª edição. — (9 volumes).

Correcções. — Pag. 4, linha 2 e 32, leia-se: *sacristão* em vez de *sachristão*. — Pag. 7, linha 21, leia-se *(Lisboa 1686)*, em vez de *(Lisboa 1866)*. — Pag. 9, linha 28, leia-se *Catalogo ou relação*, em vez de *Catalogo da relação*. — Pag. 9, linha 34, leia-se *Academia Real da Historia Portugueza*, em vez de *Academia Real das Sciencias*. — Pag. 16 (?), linha 11, leia-se *pessoa muito sua conhecida*, em vez de *pessoa muito conhecida*. — Pag. 16 (?). Falta em alguns exemplares o n.º 16, indicação da pagina. — Pag. 17, linha 16, leia-se *Theatrvm Vrbivm praecipvarum*, em vez de *Theatrvm Vrbiam praecipvaram*.